

T7: Boaventura de Sousa Santos. **Os problemas fundamentais no espaço-tempo mundial.**

Giovana Moreira, Leonardo Domingues, Luiza Boldo e Thierry Couto.
Com contribuições dos grupos e do professor

Inicialmente, Boaventura de Sousa Santos explica as diferentes posições de cientistas sociais em relação aos problemas fundamentais existentes na nossa sociedade contemporânea. O autor identifica quatro correntes de pensamento.

Os pensadores da primeira corrente defendem a ideia segundo a qual a sociedade liberal capitalista moderna enfrentou uma oposição radical dos movimentos socialista e comunista, tendo conseguido neutralizar esta crítica anticapitalista. Assim, estes autores julgam, grosso modo, que todos os grandes problemas da sociedade capitalista foram resolvidos, o que permitiria inclusive propor “um fim da história”.

A segunda posição veicula a ideia segundo a qual a sociedade contemporânea tem como problema mais acentuado aquele de bloquear a reflexão sobre as questões fundamentais da humanidade. A sociedade de consumo, a cultura de massas e a revolução da informação/comunicação superficializaram tanto as condições de existência quanto o modo de se pensar. Entretanto, alguns pensadores desta corrente não tratam deste fenômeno como sendo necessariamente um mal.

A terceira corrente de pensamento considera que os pressupostos epistemológicos da modernidade (a racionalidade cognitivo-instrumental e a forma de produzir o conhecimento técnico-científico) contribuem para provocar uma incapacidade de reflexão sobre os maiores problemas da humanidade.

Enfim, outro grupo de cientistas sociais acredita que o problema fundamental da sociedade industrial capitalista consiste no esgotamento das virtualidades de desenvolvimento societal. Autores deste grupo centram sua reflexão em diferentes alternativas, em termos ecológicos, sócio-políticos, socioeconômicos ou de governança transnacional.

Com este ponto de partida, Boaventura de Souza Santos focaliza no texto em discussão os problemas fundamentais do espaço-tempo mundial. O autor considera a crescente polarização Norte-Sul como questão essencial aqui, que atravessa três vetores maiores dos problemas da humanidade: a explosão demográfica, a globalização da economia e a degradação ambiental.

Sobre o primeiro vetor, Boaventura estima que a partir da década de 80, o aumento da média do crescimento populacional mundial vem se tornando um problema cada vez mais grave, devido à sua concentração em países periféricos. Nestes últimos, as populações vivem em situações cada vez piores, com acesso restrito às necessidades básicas, como alimentação por exemplo. Dessa maneira, ocorre, portanto, um desequilíbrio entre as necessidades da população e a disponibilidade de recursos para atendê-las.

De fato, o crescimento populacional ocorre atualmente, em países do Sul, enquanto o grande avanço tecnológico ocorre nos países do Norte. Crescem assim os problemas de polarização entre esses países, com aumento da desigualdade entre diferentes regiões do planeta.

Em relação ao segundo vetor, Boaventura caracteriza os traços fundamentais da globalização: a grande concorrência entre o Ocidente e o Oriente, resultando na transferência de boa parte do motor do capitalismo para a Ásia; a primazia total das empresas multinacionais enquanto agentes do “mercado global”, com notável grau de concentração; a erosão da eficácia do Estado na gestão macroeconômica e; enfim, o avanço tecnológico em diferentes campos (biotecnologia, robótica ou automação).

O Japão, por exemplo, assumiu a liderança tecnológica mundial nesse período, com investimentos na qualificação de seus trabalhadores e em ciência e tecnologia. Tais fatores não estão acessíveis aos países periféricos. Assim, apenas países do Norte teriam acesso às novas tecnologias e o ciclo de subdesenvolvimento dos países do Sul persistiria.

A biotecnologia, conforme destaca Boaventura, é outra condição que pode gerar riscos para países que dependem principalmente da exportação de matérias-primas. Como afirma Paul Kennedy, “o DNA é o novo recurso industrial das grandes empresas, que não só pode vir a substituir matérias-primas usualmente fornecidas pelos países periféricos, como pode conduzir a integração vertical da produção agrícola, colocando vastas regiões do mundo sob a alçada de umas poucas empresas multinacionais do ramo agroquímico e biotecnológico” (Kennedy, 1993; 73).

Esses traços da globalização, segundo o autor, são as razões pelas quais a desigualdade entre Norte e Sul aumentou significativamente nas décadas de 80 e 90. Nesse período, países periféricos da América Latina e da África registraram quedas expressivas em seus produtos nacionais e aumento da dívida externa. Este último fator, conforme destaca Boaventura de Sousa Santos, contribuiu ainda mais para o enfraquecimento dos Estados Nacionais dos países do Sul, cada vez mais dependentes dos programas de ajustes do FMI e do Banco Mundial.

Por outro lado, Boaventura revela que, entre as décadas de 80 e 90, a política internacional da alimentação traduziu consideravelmente o caráter desigual das trocas entre o Norte e o Sul. O autor aborda como exemplo a política norte-americana Food for Peace que não visava combater a fome do mundo, mas sim aliviar os excedentes agrícolas dos EUA. Essa política teria contribuído ainda mais para aumento da dívida externa dos países do Sul, tendo os forçado ao abandono da agricultura alimentar para se especializarem em culturas de exportação.

Convém neste ponto lembrar também que há grande desproporção de consumo entre o centro e a periferia. Em grande parte, a expansão do consumo dos trabalhadores do centro ocorre pela exploração e contração do consumo dos trabalhadores da periferia. Assim, pode-se considerar que é altamente discutível a ideia segundo a qual a globalização da economia das últimas décadas contribuiu para expansão do consumo na periferia do sistema mundial. O aumento da pobreza e a permanência de formas de grande precariedade revelam que a grande maioria da população mundial tem pouco acesso ao consumo globalizado e que a maior parte da produção multinacional nos países periféricos não se destina aos seus mercados internos.

Sobre o terceiro vetor, Boaventura Souza Santos menciona que a forma como o mundo lidará com a degradação ambiental no decorrer das próximas décadas tanto pode ocasionar um conflito global entre o Norte e o Sul, quanto um exercício de solidariedade transnacional e intergeracional. Segundo o autor, apesar dos desastres ambientais que vem ocorrendo, o Norte não parece disposto a abandonar os seus hábitos poluidores e consumistas nem em contribuir para uma mudança dos hábitos poluidores do Sul.¹ Pode-se citar como exemplo o posicionamento do atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que anunciou a retirada de seu país do tratado de redução de emissões de gases de efeito estufa, o Acordo de Paris, que tem como objetivo central fortalecer a resposta à ameaça de mudança climática e reforçar a capacidade dos países de lidar com os impactos decorrentes dessas mudanças.

Ainda sobre a degradação, Boaventura de Souza Santos destaca a dificuldade dos países em propor medidas globais de longo prazo, em razão do imediatismo político. Ademais, o autor destaca que a concretização de um desastre ambiental

¹ É pertinente lembrar aqui que o espaço-tempo da produção compreende as relações sociais de consumo. Nas sociedades capitalistas, esse espaço-tempo é habitado pelo feiticismo das mercadorias, que estabelece desigualdade estrutural entre produtores, distribuidores e consumidores.

implica em deliberações de proteção ou de contenção, que envolverão eventualmente custos que só alguns países poderão assumir.

Após da apresentação destes grandes problemas da humanidade, Boaventura de Souza Santos trata de quatro dilemas deste espaço tempo mundial:

1. O desenvolvimento capitalista tem hegemonia global, porém seus benefícios se concentram numa minoria e seus custos são repassados para toda a população mundial, agravando a grande desigualdade social.
2. A resolução dos problemas fundamentais da humanidade exige não somente a solidariedade dos países ricos com os pobres, mas também entre as gerações atuais e as futuras. Porém, a lógica da economia atual não permite que se desenvolva esta solidariedade. O cálculo econômico é baseado no curto prazo, havendo pouca preocupação com o ambiente e com as gerações futuras.
3. A perda da centralidade institucional e da eficiência reguladora dos Estados nacionais não foi compensada por instituições transnacionais capazes de articular soluções solidárias para problemas globais.
4. A democracia representativa é imposta aos países periféricos por parte dos países centrais. Porém, as relações internacionais e a tomada de decisão em âmbito global são muito pouco democráticas.

Diante de tais dilemas, Boaventura de Souza Santos destaca a emergência de grupos sociologicamente heterogêneos que buscam combater as mazelas sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Segundo o autor, todos esses grupos, apesar de distintos quanto à organização e objetivos, têm uma característica em comum: a tentativa de dar dimensão transnacional a diferentes problemas socioambientais. Os desafios aqui são importantes, pois estes movimentos sociais têm, geralmente, ação local. Assim, trata-se de promover sua união a fim de responder à diversidade de problemas de forma global. Por fim, o autor também sublinha os esforços da comunidade internacional para responder a impasses transnacionais com doutrinas como aquela do patrimônio comum da humanidade e com tratados como a lei do mar.

Referências

KENNEDY, Paul (1993), *Preparing for the Twentieth First Century*, New York : Random House

SANTOS, Boaventura de Sousa (2005), *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*, São Paulo: Cortez Editora.